



Polêmica nos contos de fadas

A recente adaptação de *Branca de Neve* pela Disney virou um campo de batalha cultural. De um lado, defensores da representatividade celebram a escolha de Rachel Zegler, atriz de ascendência colombiana, para o papel da princesa de “pele branca como a neve”. Do outro, críticos acusam a produção de distorcer o conto original para se alinhar à agenda “woke”. A discussão, porém, revela contradições dignas de um roteiro de comédia.

Não consegui conter as gargalhadas ao me lembrar, por exemplo, de Elizabeth Taylor — uma

estrela branca de olhos violeta — interpretando Cleópatra no clássico de 1963. Na época, ninguém questionou a falta de “autenticidade histórica”. Hoje, certamente, o mesmo elenco seria alvo de cancelamento nas redes sociais. A pergunta que fica é: o que pode e o que não pode? O que deve ser adaptado e o que deve ser preservado?

Bem, não vou me atrever a dar minhas opiniões sobre o tema, afinal como diria Chacrinha: “Eu vim pra confundir, não pra explicar”.

A polêmica não para no casting. Durante um evento para superfãs em Los Angeles, o teatro ficou

com cadeiras vazias, e as projeções de bilheteria apontam para uma estreia modesta. Rachel Zegler, por sua vez, defendeu a escolha afirmando que *Branca de Neve* é “popular em países de língua espanhola” e que se orgulha de representar essa conexão.

O debate, porém, é maior que um só filme. Desde 2024, a Academia de Hollywood exige que produções candidatas ao Oscar cumpram critérios mínimos de representatividade — seja no elenco, na equipe ou na narrativa. Para alguns, é uma correção justa após décadas de invisibilidade de minorias. Para outros, uma “ditadura da

diversidade” que prioriza agendas sobre mérito artístico. A pergunta que paira no ar: será que os filmes atuais, cheios de boas intenções, perderam a magia das produções dos anos 1990? Minha curiosidade está atizada e se o amigo leitor quiser me mandar sua opinião sobre o tema vou adorar.

Enquanto a Disney navega entre elogios e vaias, o público parece dividido. Uns veem na nova *Branca de Neve* um sopro de modernidade; outros, um revisionismo forçado. Se há um consenso, é que Hollywood está em transição — tentando equilibrar tradição, progresso e, claro, o caixa da bilheteria.